

As raízes da alegria

O cristão tem que ser alegre. A origem do otimismo do cristão vem de que foi aberto um caminho real para o melhor, que é Deus.

13/05/2016

Felicidade significa esperar um “final feliz”?

Como o mundo não pode viver sem o cristianismo – tão fortes são as consequências históricas da realidade do Verbo feito homem – em muitas épocas uma parte desse

mundo empenhou-se em denegri-lo, literalmente: pintá-lo de tintas obscuras, negras. Os homens de humor dionisiaco, segundo a terminologia de Nietzsche, acusaram o cristianismo de pregar a morte, a renúncia, a tristeza, o abandono do mundo. E, ao contrário, quando por qualquer motivo a história entra numa época de desesperança, o otimismo torna-se irritante: por que esses cristãos são felizes, por que não duvidam sempre, por que não a angústia perpétua? Não será frivolidade, superficialidade esse confiar num final feliz? Chegamos, assim, à conclusão que, como era de se esperar, o cristão foi tachado de triste e de alegre, de sombrio e de descaradamente luminoso, de derrotista e de triunfalista. O canto sagrado é agora complexo, polifónico, rico? «Perdeu-se a austeridade primitiva». Torna-se sóbrio? «São cantos de morte e não de vida».

Os paradoxos do cristianismo

Quando acontecem esses ataques simultâneos e contraditórios, pode-se dizer que aqueles que acusam não entenderam o “escândalo” e a “loucura” cristãos. Chesterton escrevia em *Tremendas trivialidades*: «o verdadeiro resultado de toda a experiência e a verdadeira fundação de toda a religião é isto: as quatro ou cinco coisas cujo conhecimento é praticamente essencial ao homem são aquilo a que se chamam paradoxos». A alegria do cristão também se expressa em paradoxos. Paradoxal é o conselho de Jesus para os momentos de jejum: estar alegre, perfumado, parecer longe de qualquer tristeza. Naturalmente, um *jejuador* alegre pode facilmente ser acusado de hipocrisia. Porém é o acusador que não terá entendido o paradoxo.

Convém dar sempre uma chance à pessoa que ataca. Convém sempre tentar entender o motivo da acusação. Pode pensar-se, por isso, que o homem inteligente aprecia a complexidade, porque quase nada está escrito com uma só cor ou desenhado sem nuances. Apregoar com voz retumbante que “tudo é simples” magoa aos temperamentos que temem que o cristalino se converta em véu da superficialidade. Assim, diante da afirmação “o cristão é alegre”, aparecerão gestos de insatisfação: não pode ser tão simples.

E não o é. O fato de o cristianismo ter sido atacado por vários lados diferentes e opostos demonstra que a realidade cristã é difícil de envolver com um único olhar. Simples não é equivalente a simplório. Falar de simplicidade não é o mesmo que simplificar: simples é o que não se oculta, porém isso que não se oculta

pode ser uma realidade complexa. É precisamente isso que ocorre no cristianismo. E na alegria do cristão de forma singular.

O *gaudium*

A palavra clássica para *alegria* é o *gaudium* dos latinos. *Gaudium* traduz praticamente sempre, na Vulgata, o *χάρις* grego, e este termo grego serve também para *presente, prêmio, esmola e graça*. *Graça* é o que se consegue sem esforço por parte de quem a recebe. Por isso, agradecer é reconhecer essa gratuidade. O gozo, a alegria, é resultado de possuir um bem, e precisamente um bem grande, que só de graça se pode receber. De todos esses bens, existe um de qualidade superior, o amor. O arquétipo do bem gratuitamente recebido é o amor. Por isso, o apaixonado, quando ama e é amado, entrega-se e recebe o dom, está alegre, satisfeito, canta. Por isso a

alegria das crianças tem uma natureza particular: porque sua vida é receber sempre amor, um amor especial dos pais, mas também de quase todos, que olham com benevolência para as crianças (*volendo bene*, diz-se em italiano).

Agradecer

Caminho, alimentado por uma raiz cristã, não poderia estar longe desta rica trama da alegria. No ponto 268 pode-se ler: «Dá-Lhe graças por tudo, porque tudo é bom». Considero este o texto fundamental sobre a alegria. De este *dar graças por tudo* se nasce uma alegria grande, como o Evangelho gosta de dizer: os anjos anunciam, no Nascimento de Cristo, *uma grande alegria* (Lc 2, 10); os discípulos, confortados pela benção de Cristo, que voltou para o Pai, experimentam *uma grande alegria* (Lc 24, 50-52).

Pedir ajuda

Por tudo isso o cristão tem que ser alegre. O fundamento do otimismo cristão vem de ter encontrado um caminho aberto para o Melhor, que é Deus. Por isso uma postura definitivamente desesperada não pode ser cristã. Pensar que tudo está tão mal, que o coração humano está tão corrompido que “nem Deus pode salvá-lo” é só uma forma de soberba, ou seja, da adoração mística do próprio eu. Um reflexo dessa soberba dá-se também nas relações humanas: o triste crônico não se deixa ajudar, pensa que a sua “complexidade” é tal que ninguém poderá resolvê-la. E, ao contrário: nada mais agradável do que o caráter da pessoa que se deixa ajudar, não servilmente mas com abertura: “Olha, isto eu não sei, você me ensina?”.

Em forma de Cruz

Por outro lado, pensadores como Kierkgaard ou Unamuno e todos os

que de um modo ou de outro falaram do “sentimento trágico da vida” intuíram mais ou menos claramente que, nesta história, neste tempo, a alegria do homem nunca será completa. A alegria é consequência de obter de um bem; um bem gratuito, dado por pura liberalidade. Mas na história não existe, para ser usufruído, nenhum bem eterno (criações do homem ou bens da natureza); e o único bem eterno, Deus, não pode ser “visto” nem, portanto, desfrutado completamente nesta vida. Estamos nos aproximando do paradoxo, mais uma vez. E neste caso o paradoxo foi apontado muitas vezes por São Josemaria Escrivá com a frase “a alegria tem as suas raízes em forma de Cruz”[1] (1).

Para entender melhor isto temos que unir algumas ideias que já apareceram. Por exemplo, a conexão entre alegria e infância. Não é

estranho, agora, que em *Caminho* a raiz da alegria esteja nesse saber-se filhos de Deus, conectando os dois capítulos sobre a “infância espiritual”. É possível ler o ponto 659 à luz do 860. «A alegria que debes ter não é essa que poderíamos chamar fisiológica, de animal são, mas uma outra, sobrenatural, que procede de abandonar tudo e te abandonares a ti mesmo nos braços amorosos do nosso Pai-Deus». «Diante de Deus, que é Eterno, tu és uma criança menor do que, diante de ti, um garotinho de dois anos. E, além de criança, és filho de Deus. - Não o esqueças».

Em *Caminho*, a alegria está relacionada com a aceitação da vontade de Deus, mas não com passividade fria. Essa vontade é a de um Pai, e já se sabe até que ponto, de certa forma, na medida em que for bom para o filho, o pai mais que a mandar se sente inclinado a agradar.

Na medida do bem do filho: esta é a chave. O homem sente-se continuamente inclinado a fazer um mundo segundo os seus gostos, o lado sombrio do egoísmo. Por isso não consegue se perceber a verdadeira natureza da alegria nesta terra, essa que em *Caminho* fica refletida com traços claros: «A alegria dos pobrezinhos dos homens, ainda que tenha um motivo sobrenatural, deixa sempre um ressaibo de amargura. - Que julgavas? - Aqui em baixo, a dor é o sal da nossa vida» (n. 203). E, a partir de outro ponto de vista, a penitencia é «alegria, embora trabalhosa» (n. 548). Por isso é preciso receber a tribulação com fortaleza: «Se recebes a tribulação de ânimo encolhido, perdes a alegria e a paz (...)» (n. 696).

Pouco a pouco vai aparecendo a relação íntima e inseparável entre a alegria e a Cruz, sobretudo levando em conta que as obras de São

Josemaria apontam, com profundidade teológica, a conveniência de deixar o termo Cruz para a única Cruz, a de Cristo. Este tema aparece em muitos textos de *Caminho*: «Se as coisas correm bem, alegremo-nos, bendizendo a Deus que dá o incremento. - Correm mal? - Alegremo-nos, bendizendo a Deus que nos faz participar da sua doce Cruz» (n. 658). Para alcançar talvez o seu ponto mais alto no capítulo *A vontade de Deus*: «A aceitação rendida da Vontade de Deus traz necessariamente a alegria e a paz: a felicidade na Cruz. - Então se vê que o jugo de Cristo é suave e que o seu fardo não é pesado» (n. 758). Por quê? Por que a primeira pessoa a aceitar completamente a Vontade do Pai é Cristo, e essa aceitação leva-O à morte e morte de cruz. Ele, o Filho, o Verbo. Portanto, o cristão, filho de Deus no Filho de Deus, necessita passar pela Cruz para perceber as raízes da alegria. Então se descobre

que o jugo não é jugo, que a carga não é carga, sem deixar de ser carga e jugo. E necessariamente temos de recordar de novo a força do paradoxo.

Como não é possível manter simultaneamente todos os fios da visão cristã da vida, ao nos referirmos antes à conexão filiação divina-Cruz, não se fazia referência a outra realidade inseparável: o amor. Só o amor torna possível a aceitação da Cruz. Como escreve Santa Teresa nas *Fundações*: «Esta força tem o amor, se é perfeito: que esqueçamos nosso contentamento para contentar a quem amamos.» É a antiga experiência humana, que não tem por que mudar no amor divino. São Josemaria gostava daquela canção de Juan del Enzina, que cantava: “mais vale trocar/ prazer por dores/ que estar sem amores”. O amor não está nunca tranquilo, porque o coração vigia sempre, segundo se lê no

Cântico dos Cânticos, ao qual o Frei Luis de León fazia esta bela poesia: «O cuidado de amor é tão grande e vigia tanto o que deseja, que a mil passos o sente, entre sonhos o escuta e através dos muros o vê».

O amor humano é realidade verdadeira e, ao mesmo tempo, figura ou analogia do amor divino. Talvez para entender a alegria cristã é preciso ter em conta a alegria de uma pessoa apaixonada, não *a pesar* da dor, mas precisamente *na dor*, na contínua vigilância, no cuidado através do qual a pessoa se realiza. Trata-se, portanto, de uma alegria distante da superficialidade, de um contentamento que não tem nada a ver com a frivolidade: é uma alegria sentida, um cuidado em que a pessoa se realiza.

Talvez se perceba melhor agora, porque apresentar o cristianismo como algo triste é falsificar a

realidade sobrenatural da fé. «A verdadeira virtude não é triste nem antipática, mas amavelmente alegre» (n. 657), ou seja, com a alegria que vem de amar, porque só é amável quem ama. Em outro lugar do livro se fala dos olhos «de olhar amabilíssimo» de Cristo. Por isso se entende o seguinte: «Caras compridas..., maneiras bruscas..., aspecto ridículo..., ar antipático... Desse jeito esperas animar os outros a seguir Cristo?» (n. 661). Ou em outro lugar: «Não estejas triste. - Tem uma visão mais... “nossa” - mais cristã - das coisas» (n. 664).

Caminho, como todos os grandes livros de espiritualidade que explicam a realidade cristã, não se enquadra na fácil dicotomia otimismo-pessimismo, nas simplificações do «melhor dos mundos possíveis» (Leibniz) ou no «pior dos mundos possíveis» (Schopenhauer). Neste mundo existiu

e existe com estranha eficácia, o pecado, a ofensa a Deus que se traduz em usar as criaturas de um modo terrível. Mas o pecado não é o final, nem a realidade definitiva. O fim é a Ressurreição pela Cruz, a suprema dor redentora que dá passagem à alegria, agora como anúncio, depois como posse perfeita. As dores da Cruz são uma vitória, laboriosa vitória que continua ao longo da história, no claro-escuro da liberdade humana, que é o próprio claro-escuro da alegria.

[1] Expressão muito corrente na pregação do Fundador do Opus Dei; pode ser vista em *É Cristo que Passa*, n. 43.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/as-raizes-
da-alegria/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/as-raizes-da-alegria/) (05/08/2025)